

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-790-1 DOI 10.22533/at.ed.901192111</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NOTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SAÚDE PÚBLICA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO, EDUCAÇÃO E DIREITO	
Izadora Ribeiro Silva Costa Lina Maria Brandão de Aras	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111	
CAPÍTULO 2	13
O CORPO E O GÊNERO NO CURRÍCULO DO ENSINO DE CIÊNCIAS NO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE	
Murilena Pinheiro de Almeida Marco Antonio Leandro Barzano Cleyde Oliveira de Castro Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cenair Felini Soares	
DOI 10.22533/at.ed.9011921112	
CAPÍTULO 3	28
O SILENCIAMENTO DA DOR: FEMINICÍDIO NA BAHIA ENTRE OS ANOS DE 2015 A 2018	
Fadja Mariana Fróes Rodrigues Tânia Rocha Andrade Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.9011921113	
CAPÍTULO 4	40
OS MOVIMENTOS FEMINISTAS E A INSTITUIÇÃO DE POLÍTICAS PARA MULHERES: UMA RELAÇÃO VISCERAL	
Maria Flávia Andrade Araújo Lisboa Tainá Rocha dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9011921115	
CAPÍTULO 5	52
POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL: UM DEBATE SOBRE A INTERSETORIALIDADE DAS POLÍTICAS SOCIAIS E OS DESAFIOS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA/O ASSISTENTE SOCIAL	
Rosária de Fátima de Sá Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9011921116	
CAPÍTULO 6	64
POR UMA DRAMATURGIA FEMINISTA: JORNADAS DE F(R)ICÇÃO	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
DOI 10.22533/at.ed.9011921117	
CAPÍTULO 7	74
PARTEIRAS E DOULAS BRASILEIRAS: AUTONOMIA E ARTICULAÇÕES FEMINISTAS EM REDE	
Danielle Andrade Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9011921118	

CAPÍTULO 8 87

OS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO USO ABUSIVO DO ÁLCOOL E AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DE MULHERES ADULTAS

Ana Paula Almeida dos Santos
Rafael Antonio Oiticica de Miranda
Alexandra Soares dos Santos
José Euclimar Xavier de Menezes
Marcos Moura Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.9011921119

CAPÍTULO 9 96

RELAÇÕES DE GÊNERO E PLANEJAMENTO REPRODUTIVO EM RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS: NEGOCIAÇÕES, LIMITES E O PROTAGONISMO FEMININO

Suzianne Jackeline Gomes dos Santos
Mary Alves Mendes

DOI 10.22533/at.ed.9011921110

CAPÍTULO 10 108

REPERCUSSÕES HOMOSSEXUAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

José Renato Santos de Oliveira
Ingrid de Souza Silva
Tatiane Pina Santos Linhares
Tatiana Tarrão dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.9011921111

CAPÍTULO 11 119

“SOMOS HUMANOS NA RUA”: USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS ATENDIDOS PELO PROJETO PONTO DE CIDADANIA

Alexandra Soares dos Santos
Ana Paula Almeida dos Santos
Rafael Antonio Oiticica de Miranda
Sueli Jesus Santana
Mônica Coutinho Cerqueira Lima

DOI 10.22533/at.ed.9011921112

CAPÍTULO 12 127

SEGREGAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO NOS ANOS DE 2002 E 2014

Débora Juliene Pereira Lima
Ana Márcia Rodrigues da Silva
Edna Raimunda Teodoro

DOI 10.22533/at.ed.9011921113

CAPÍTULO 13 138

TERRITÓRIO DE NARRATIVAS: LOCAIS DESTINADOS ÀS MULHERES NOS DISCURSOS PRODUZIDOS NOS MUSEUS DO CENTRO HISTÓRICO BELENENSE

Silvia Raquel de Souza Pantoja
Melissa Walesk de Oliveira Dias Souza

DOI 10.22533/at.ed.9011921114

CAPÍTULO 14	148
TRABALHO, POLÍTICA E GÊNERO: O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA E O RESGATE DO FEMINISMO	
Fernanda Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.90119211115	
CAPÍTULO 15	158
TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNERAS(OS) EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE: NORMATIVAS BRASILEIRAS	
Gabriela Bothrel Echeveria	
Vivianny Kelly Galvão	
Verônica Teixeira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.90119211116	
CAPÍTULO 16	169
VADIAGENS DA CIÊNCIA-EXPERIÊNCIA: GINGANDO NUMA RODA MULTIRREFERENCIAL COM CAROLINA DE JESUS, INAICYRA FALCÃO E ELZA SOARES	
Régia Mabel da Silva Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.90119211117	
CAPÍTULO 17	178
UM CORPO NEGRO EM DIÁSPORA NA PRODUÇÃO DE UMA ATENÇÃO À SAÚDE FEMINISTA E ANTIRRACISTA	
Lais Alves Porto	
DOI 10.22533/at.ed.90119211118	
CAPÍTULO 18	184
MULHERES NA LUTA POR PARTICIPAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: UMA EXPERIÊNCIA RECENTE EM NOSSA SENHORA DA GLÓRIA (SE)	
Itanamara Guedes Cavalcante	
Maria do Carmo Santos Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111819	
CAPÍTULO 19	196
SAÚDE INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER: DESAFIO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Divanise Suruagy Correia	
João Klínio Cavalcante	
Laura Marques Angelo Neto	
Maria das Graças Monte Mello Taveira	
Viviane Maria Cavalcante Tavares	
Sandra Lopes Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111820	
SOBRE A ORGANIZADORA	207
ÍNDICE REMISSIVO	208

TERRITÓRIO DE NARRATIVAS: LOCAIS DESTINADOS ÀS MULHERES NOS DISCURSOS PRODUZIDOS NOS MUSEUS DO CENTRO HISTÓRICO BELENENSE

Silvia Raquel de Souza Pantoja

Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Artes Visuais
Belém - Pará

Melissa Walesk de Oliveira Dias Souza

Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Artes Visuais
Belém - Pará

RESUMO: O presente trabalho é uma análise sobre os locais que mulheres ocupam nas narrativas de museus no Centro Histórico de Belém, este que consiste principalmente no Complexo Feliz Lusitânia, abarcando museus – que são sua maior parte em modelo tradicional – e praças. Para tal objetivo foi recorrido a observações diretas destes espaços de museu e aplicado questionário virtual para mulheres, o qual obteve 40 participações. A partir de teorias e discussões voltadas para a área da Museologia e tendo em vista a ausência de mulheres dentro de espaços de memórias que são os museus, podemos pensar e analisar a necessidade social e museológica de se problematizar essas relações, sejam elas com mulheres na posição de artista, na representação de narrativas que uma obra pode transmitir ou em outras atividades relacionadas a estas instituições. Com isto, traçamos nossa pesquisa somente com autoras como forma de buscar bases para este trabalho que também viesse a partir de mulheres. A

exposição museológica funciona como discurso que possui peso no olhar do visitante através da educação não formal, uma vez que possui poder de legitimação de discursos, tornando-os verdadeiros. Entendendo dessa maneira a importância das exposições museológicas, cabe a problematização e discussão acerca da invisibilidade feminina dentro destes espaços, acentuando a necessidade de refletir acerca de suas causas, em como intervir nessa realidade e na pluralidade da questão, acentuando sobre questões inerentes à teoria museológica e ao feminismo.

PALAVRAS-CHAVE: Museu, Museologia, Mulher, Feminismo, Memória.

NARRATIVE TERRITORY: PLACES FOR WOMEN IN THE SPEECHES PRODUCED AT THE MUSEUMS OF THE BELENENSE HISTORIC CENTER

ABSTRACT: This paper is an analysis of the places women occupy in the narratives of museums in the Historic Center of Belém, which consists mainly of the Feliz Lusitânia Complex, encompassing museums - which are mostly traditional models - and squares. For this purpose it was resorted to direct observations of these museum spaces and applied a virtual questionnaire for women, which obtained 40

participations. From theories and discussions focused on the area of Museology and considering the absence of women within the memory spaces that are museums, we can think and analyze the social and museological need to problematize these relationships, whether with women in position of artist, in the representation of narratives that a work can transmit or in other activities related to these institutions. With this, we trace our research only with authors as a way to search bases for this work that also came from women. The museum exhibition works as a discourse that has weight in the visitor's eye through non-formal education, since it has the legitimating power of discourses, making them true. Understanding in this way the importance of museological exhibitions, it is appropriate to discuss and discuss the female invisibility within these spaces, emphasizing the need to reflect on their causes, how to intervene in this reality and the plurality of the issue, emphasizing on issues inherent to museological theory and feminism.

KEYWORDS: Museum, Museology, Woman, Feminism, Memory.

1 | INTRODUÇÃO

Tendo em vista a noção de Museu na qualidade de fenômeno evidenciado por Tereza Scheiner (2005) como:

livre e plural, podendo existir em qualquer espaço, em qualquer tempo. [...] Como fenômeno o Museu está sempre em processo, revelando-se sob múltiplas e diferentes faces. E todas as formas conhecidas de Museu serão vistas como suportes manifestações do fenômeno numa dada realidade (p. 95)

Sendo este um espaço de discussões de âmbito histórico, artístico e social e de tantas outras questões, entende-se a ausência de discursos igualitários, que perpassam a questão de gênero, sexualidade e raça, e de direito à memória neste caso, como uma das maiores problemáticas dos museus como também espaços de política, pois estes devem ser lugares democráticos, pensando assim na inclusão dos diversos agentes da sociedade.

Este trabalho tem a intenção de fazer sua discussão com um pensar direcionado principalmente para o campo da Museologia, fazendo relações a partir dessa área entorno do papel comunicacional, social e educacional do Museu. Pensar como seus discursos produzidos através de exposições podem afetar seus públicos, tendo em voga aqui o público feminino, e problematizando os lugares destinados às mulheres e suas representações nestes locais.

2 | METODOLOGIA

Buscamos utilizar somente autoras como forma de trazer a representação feminina nesta pesquisa desde a bibliografia levantada, o que vemos com extrema importância para demonstrar igualmente a produção de mulheres na academia. Para isto, nos baseamos no que Linda Alcoff (2016) cita ser uma “epistemologia

decolonial revolucionária” acerca de como e por quem o conhecimento é produzido, discorrendo que

O projeto de decolonização epistemológica (e a mudança da geografia da razão) requer que prestemos atenção à identidade social não simplesmente para mostrar como o colonialismo tem, em alguns casos, criado identidades, mas também para mostrar como têm sido silenciadas e desautorizadas epistemicamente algumas formas de identidade enquanto outras têm sido fortalecidas. Assim, o projeto de decolonização epistemológica presume a importância epistêmica da identidade porque entende que experiências em diferentes localizações são distintas e que a localização importa para o conhecimento. (p. 136)

Bem como, faremos uso de documentos direcionados ao Pensar Museológico como o da Mesa Redonda de Santiago (1972), Declaração de Quebec (1984) e a Declaração de Caracas (1992) que foram importantes para trazer novas perspectivas ao campo museal, entendendo seu caráter social, político e educativo, afirmando os museus como locais de práticas de cidadania. Além disso, foram realizadas visitas aos museus do Centro Histórico de Belém como forma de observação direta do espaço e foi aplicado questionário virtual direcionado às mulheres, no intuito de levantar dados a se discutir neste trabalho, o qual obteve 40 participantes.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

O centro histórico de Belém é composto principalmente pelo Complexo Feliz Lusitânia – nome este problemático considerando a historicidade local e sua base no colonialismo e vivências violentas –, que consiste em um espaço que engloba: Forte do Presépio (que abarca o Museu do Encontro); Praça D. Frei Caetano Brandão; Palacete das Onze Janelas (também conhecido como Museu Casa das Onze Janelas); Museu de Arte Sacra (antigo Palácio Episcopal); Catedral Metropolitana de Belém; Ladeira do Castelo; Museu do Círio; Museu da Imagem e do Som (MIS-PA) ; Museu do Estado do Pará (MEP) e Museu de Arte de Belém (MABE). Esse complexo apresenta a história de Belém a partir de um olhar colonial que contempla em sua maior parte o homem branco e sua hegemonia. Da arquitetura aos objetos em exposição, pouco se vê de mulheres, seja no acervo exposto ou na produção.

Vamos citar brevemente acerca de algumas exposições destes museus, os quais em sua maioria apresentam exposições permanentes, focando posteriormente na interpretação dos dados levantados com o questionário aplicado.

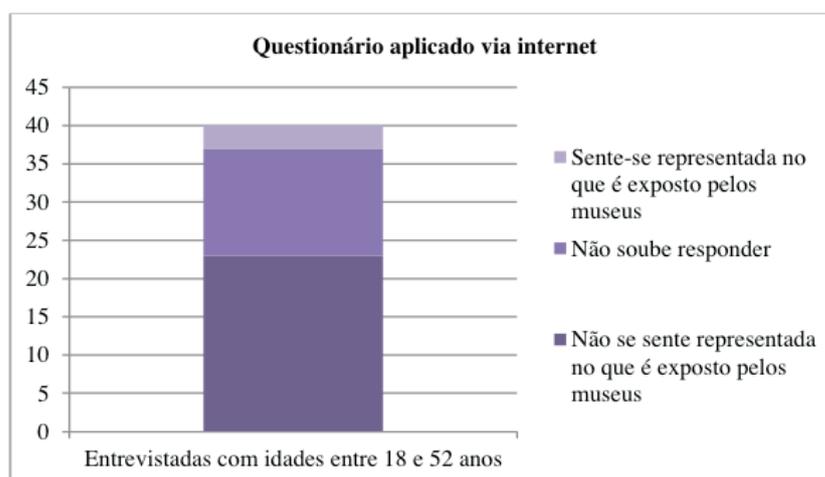
A Casa das Onze Janelas (que atualmente encontra-se fechada para reformas por tempo indeterminado) muda com frequência suas exposições de curta duração, sendo este um espaço voltado para arte contemporânea. Assim, constantemente são expostas obras voltadas às mulheres e exibem artistas locais como Berna Reale, Rosângela Britto, Drika Chagas e Keyla Sobral.

Outro espaço que traz a imagem da mulher é o Museu do Estado do Pará. Este museu possui exposição permanente desde 2008, seu acervo faz referência à história do Pará e seus governos. Há peças que indica como viviam os habitantes

da cidade de Belém, principalmente na Belle Époque, período em que houve um aumento significativo da exportação de arte, moda e costumes da Europa para a região amazônica. Dessa forma, surge o Art Nouveau em Belém, movimento artístico que apresenta novos materiais produzidos a partir de novas tecnologias da revolução industrial, além de forte presença de fauna, flora e imagem da mulher. O MEP que possui diversos acervos referentes à decoração da “bela época”, dispõe de inúmeras peças referentes a esse movimento artístico que exaltava o feminino.

Na exposição de longa duração possui telas que estão dispostas em uma sala, reunindo quadros que foram adquiridos pelo Governo do Estado do Pará antes da institucionalização do museu. Assim, algumas dessas obras utilizam-se da imagem de mulheres como a obra no estilo romântico *A Morte de Virgínia* (1905) de Antônio Parreiras, baseada no romance iluminista francês de Bernardin de Saint-Pierre *Paulo e Virgínia* publicado em 1787; e *Interior de Cozinha* (1907) de Oscar Pereira da Silva, apresentando uma senhora sentada a beira de um fogão a lenha em cozinha de casa com aspecto humilde, em ação comum ao cotidiano e ao ambiente familiar; tendo também uma única tela de autoria feminina, *A Cigana* (s/d) de Cristina Capper Alves de Souza, a qual até o momento da publicação do trabalho não conseguimos mais informações. Além disto, é necessário destacar que o MEP também recebe constantes exposições de curta duração, as quais artistas mulheres e obras que representam o feminino igualmente são presentes em mostras anuais como o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia e o Arte Pará.

Ao Museu de Arte de Belém atribui-se a importante presença de obras da artista Antonieta Santos Feio – a exemplo do quadro *A Vendedora de Cheiro* (1947) que já foi exposta em exposição do Instituto Tomie Ohtake em 2017 – e Dahlia Déa como as únicas mulheres com obras exibidas na exposição de longa duração. A figura feminina em si, aparece em quadros com representações indígenas como a tela *A fundação da cidade de N. Sra. de Belém do Pará* (1908) de Theodoro Braga e outras telas de estilo romântico na qual retratam mulheres com vestes de moda europeia vide influência da Belle Époque na cidade de Belém.



Assim, partindo para os resultados do questionário aplicado via Internet com

40 mulheres (1 transgênero e 39 cisgêneros) com idades entre 18 e 52 anos, elas informaram visitar museus para conhecer novas culturas; lazer; por interesse profissional; apoio a artistas e pesquisa. Segundo essas mulheres, diversas foram as causas apresentadas para as ausências femininas no museu: a falta de mulheres atuando na área; as representações femininas em segundo plano; a hipersexualização de seus corpos; narrativas não pertencentes às mulheres; visão colonizadora, hegemonia branca e católica lusitânica; *romantização* da história; falta de incentivo dos governos e disponibilização dos espaços públicos para mulheres em suas diversas áreas de atuação; a presença de discursos separatistas entre homens e mulheres; cultura institucionalizada de silenciamento que são reflexos da sociedade patriarcal; falta de divulgação quando há exposições ou trabalhos que abarquem o universo feminino e falta de exploração e pesquisa desse universo. Como positivo, foi citada a representação da imagem de mulheres em quadros e esculturas; momentos em que a pessoa que faz a mediação cita a presença feminina; no geral, concluem que a representação é escassa, mas existente, tanto da mulher amazonida quanto da intencionalidade de artistas paraenses em colocar em voga a mulher no cerne da questão.

As entrevistadas apontaram, ainda, como propostas para solucionar o problema da falta de reconhecimento nos museus, maior incentivo para as visitas às nossas obras de patrimônio; evidencialização da mulher em movimentos culturais locais através dos circuitos artísticos e políticos; dar visibilidade às lutas e conquistas femininas e sua importância para a formação histórico-social; circuitos de eventos e palestras nos museus abordando o tema; abertura dos museus tradicionais aos novos discursos; ressignificação dos acervos históricos já expostos através da evocação de memórias soterradas; maior presença ativa do educativo do museu na comunicação, com aproximação dos grupos universitários; aproximação com a comunidade; implementar mais didática e linguagem acessível na comunicação do museu; incentivo do museu à reflexão; dar visibilidade à mulher negra (tendo em vista que esta é uma luta ainda maior dentro do movimento negro); abertura de editais voltados para o tema e fazer com que as exposições e atividades acerca do tema não abarquem somente o público feminino.

A partir do que foi apresentado pelas mulheres entrevistadas, podemos adentrar um pouco no que tange à teoria museológica, e tratar acerca do que é e do que se propõe a Nova Museologia. Em 1972, a Mesa Redonda de Santiago apresentou algumas ideias do que viria a ser a Nova Museologia. Assim, além de fazer menção à importância da interdisciplinaridade no campo museológico, insere um novo conceito para a ação de museus que é o de Museu Integral, defendendo uma integração dos museus à vida das pessoas atuando em prol de problemas como os de aspectos técnicos, sociais, econômicos e políticos. Dessa forma, o museu é uma instituição com o dever de servir às sociedades as quais faz parte, participando através de seus elementos integrados na contribuição ao desenvolvimento e engajamento das

comunidades nas quais está inserido fazendo relações entre passado e presente, atentando para as realidades vividas, causando reflexões às ações humanas, e, por conseguinte adquirindo uma função social, uma vez que “atribuir um valor cultural é prerrogativa e decisão do campo apropriada a questões da sua realidade, o contexto museológico” (LIMA, 2013).

Nesse contexto, inclui-se também a Declaração de Quebec com princípios base da Nova Museologia, sucedendo a primeira expressão no evento de Santiago, se apresentando como uma museologia de caráter social que se preocupa com questões de âmbito social, cultural e econômica, buscando se consolidar como um movimento interessado em primeiro plano no “desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo em que as associa aos projetos de futuro” (Declaração de Quebec, 1984), aproximando comunidades e seus saberes e fazeres a favor de um desenvolvimento cíclico que respeite a diversidade de seus patrimônios.

Após 20 anos da Mesa Redonda de Santiago, vem a Declaração de Caracas para reiterar com algumas das considerações anteriormente mencionadas no Chile e também estabelecer novas visões acerca do cenário museal e museológico que vinham se constituindo. Esta declaração apresenta apontamentos importantes para se entender o contexto ao qual a América Latina estava passando na década de 1990 demonstrando uma preocupação com o que poderia se seguir no século XXI, bem como expõe as angústias da ausência de política cultural que abrangesse a área, e a iminência de privatizações, retirando as responsabilidades do Estado em relação ao patrimônio cultural, tendência essa que corremos o risco novamente. Assim, a declaração manifesta suas considerações e recomendações acerca das temáticas de comunicação, patrimônio, liderança, gestão e recursos humanos.

No documento de Caracas queremos frisar algumas passagens acerca das considerações da temática de comunicação que diz respeito ao caráter comunicativo do museu como um aparelho que deve proporcionar uma interação entre comunidades, processos e produtos culturais, hoje, esta ação sendo entendida como parte do ato e processo de musealização de acervos:

[...] como signos da linguagem museológica, os objetos não têm valor em si mesmos, mas representam valores e significados nas diferentes linguagens culturais em que se encontram imersos; [...] o processo de comunicação não é unidirecional, mas um processo interactivo, um diálogo permanente entre emissores e receptores, que contribui para o desenvolvimento e o enriquecimento mútuo [...]; [...] na América Latina os museus, geralmente, não são conscientes da potencialidade de sua linguagem o de seus recursos de comunicação, e muitos não conhecem as motivações, interesses e necessidades da comunidade em que estão inseridos, nem seus códigos de valores e significados; [...] o museu é um importante instrumento no processo de educação permanente do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade, fortalecendo sua identidade, consciência crítica e auto-estima, e enriquecendo a qualidade de vida individual e colectiva; (Declaração de Caracas, 1992)

O Museu lida diretamente com o humano, por isso é tido como um aparelho

de representação da sociedade. Dessa maneira, um objeto não transmite somente uma história, ele pode transmitir multiplicidades de significados de acordo com as perspectivas observadas sobre ele. Assim, há um valor social no lugar em que ele se encontra, daí a importância da representatividade nessa espacialidade do museu enquanto território de narrativas e espaço de educação para seus públicos.

Pensar na história e trabalhos de mulheres além de seus corpos, enquanto patrimônio é um exercício de se pensar em como se constitui e por quem. E pensar não somente nos patrimônios institucionalizados, mas também nas demais expressões artístico-culturais que igualmente podem ser entendidas por patrimônio porque fazem parte de uma representação social, mantendo dessa forma uma relevância e que merecem ser valorizados como bens. De acordo com o que Simioni (2011, p. 383) apresenta, expor mulheres pensando nelas dessa maneira e as inserindo em meios majoritariamente masculinos nos permite compreender a particularidade das trajetórias das artistas e obras percebidas em sua materialidade, sem dar autonomia excessiva.

Assim como a arte marginal da literatura de Carolina de Jesus que há muito foi espetacularizada como poetisa negra, pobre e favelada. Só lhe era permitido a fala, a manifestação por escrito de forma pública, enquanto curiosidade vinda da favela, mas a partir do momento que ela queria se lançar como escritora na indústria, deixa de satisfazer a elite e passa a incomodar com o crescente sucesso e com as críticas sociais. Tentam impô-la a máscara do silenciamento, citando Grada Kilomba, desse modo, “Falar é uma espécie de negociação entre quem discursa e quem ouve” (2017, p. 9). Somente depois de seu centenário de nascimento é que a escritora tem sido redescoberta e pesquisada.

A ausência das mulheres negras deve estar em discussão uma vez que são inegáveis os privilégios da mulher branca também em meio às artes. Deve-se compreender a importância do feminismo negro em se fazer presente visto que as necessidades desse grupo são diferentes. Espaços de arte e cultura são importantes no processo de visibilizar negras de maneira não estereotipada respeitando suas artes, histórias, individualidades e pluralidades, de forma que

as desloquem do contexto da escravização e do lugar da “subalterna”, não estará somente promovendo uma construção de um novo discurso para a historiografia oficial, mas, não incentivando as práticas de racismo e de desrespeito às mulheres negras. SILVA (p. 199, 2017)

Os museus como locais de práticas sociais e territórios simbólicos de narrativas, vinham se expandindo na vida da população brasileira e no âmbito das políticas culturais desde a década de 1970, ocorrendo um fortalecimento desses espaços por meio da resignificação e multiplicação, ou seja, novos museus começaram a surgir, tanto fisicamente como em conceitos. Essa mudança ocorreu, em parte também pelo *boom* dos movimentos sociais, tendo estes efeitos tocado o campo da Museologia e dos museus, pois estes últimos passaram a serem vistos como processos e práticas

culturais de relevância social com a Nova Museologia em detrimento da Museologia Tradicional.

Instituições como Museus possuem uma forte narrativa de legitimação de discursos. A exposição e a forma como o acervo é exposto carrega um discurso que será embasado por peças e diferentes contextos. Acervos são, geralmente, compreendidos como provas físicas do que ocorreu na história, e museus como instituições que pesquisam e aceitam essa verdade. Quando uma peça é retirada de seu contexto original e inserida dentro de um contexto museal, ela precisa ser ressignificada, dessa forma, a peça passa por um processo de musealização, adquirindo um novo valor enquanto um objeto de museu.

Segundo Lima (2013) “A Musealidade se caracteriza por uma nova ‘realidade’ que empresta ao que interpreta um toque diferenciador, exclusivo, marcado pela distinção”. Assim, podemos entender o espaço de museu como um aliado à visibilidade dada a grupos silenciados ao longo da organização da história social. Essa questão tem sido uma discussão da Nova Museologia, que compreende a arte e a história não como espaços de verdades e respostas, mas sim de reflexões, indagações e desconstruções. Quando uma exposição é montada omitindo a existência de mulheres, o museu está deixando de ser um espaço democrático e segue reafirmando identidades sociais criadas no contexto colonialista que fortalece certas identidades em detrimento de outras que são silenciadas e desautorizadas. Dessa forma, para Djamila Ribeiro (2017) referente ao que Alcoff fala sobre as identidades criadas em uma lógica colonial,

[...] o objetivo principal ao confrontarmos a norma não é meramente falar de identidades, mas desvelar o uso que as instituições fazem das identidades para oprimir ou privilegiar. [...] entender como poder e identidade funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades. [...] as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimentos de outros. (p. 31)

O feminismo passou por uma questão de aprisionamento em relação a uma visão eurocêntrica e universalizante das mulheres, situação essa que segundo Sueli Carneiro (2003) foi consequência da

[...] incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade. (p. 118)

Assim, as mulheres sempre foram silenciadas e invisibilizadas acerca de suas atuações ao longo da história, sendo elas, segundo a historiadora Soihet (2016, p. 215), subalternizadas na sociedade brasileira em geral “por suas supostas fragilidade e menor inteligência, inadequadas para as atividades públicas, afirmando que o lar era o local apropriado à sua inserção social e o cuidado com a família, sua ocupação prioritária” e em prol de um protagonismo patriarcal.

4 | CONCLUSÕES

No campo das artes as mulheres estiveram presentes de forma sexualizada, com seus corpos nus em quadros e esculturas que ajudavam e ainda ajudam a reafirmar padrões femininos estéticos. Sendo esse um incômodo que parte de mulheres, seus feminismos e entendimentos sob seus corpos, compreende-se o movimento de trazer a história das mulheres para dentro dos museus como uma ação que parte de fora para dentro, mas que deveria ser o contrário. As narrativas que podem ser proporcionadas também através dos objetos de museu, precisam ter um protagonismo feminino e feminista, são memórias que desejam se fazer presentes nestes espaços institucionais para gerar um sentimento de pertencimento e reconhecimento social, podendo quebrar regimes de gênero e sexualidade que enquanto mulheres, nos são impostos.

Podemos refletir o quanto a Nova Museologia tem se preocupado em trazer os museus com suas exposições e atividades cada vez mais para perto das comunidades e seu público. Em Belém, ainda nos encontramos distante ao que se propõe o movimento da Nova Museologia, nos deparamos com museus que não demonstram preocupação em expor temáticas relacionadas às mulheres (cisgêneros ou transgêneros) com a mesma intensidade em que se expõem homens, em obras e artistas. Com isso, os museus presentes no centro histórico também não desenvolvem ações educativas voltadas especificamente às mulheres.

Trazendo para dentro do museu as discussões acerca das ausências de representatividade social que quando notadas podem vir a causar incômodo e fazem com que não nos identifiquemos com o espaço e com as narrativas retratadas, pensa-se em como as mulheres foram e continuam sendo silenciadas dentro desses espaços, seja no acervo, seja dentre artistas. A respeito dessa inquietude com a representação feminina nas exposições de arte, temos o exemplo do grupo Guerrilla Girls que nasce em 1985, na cidade de Nova Iorque, um grupo de mulheres com máscaras de gorila que denunciam o machismo e o sexismo nesses espaços institucionais.

Com a realização do questionário aplicado às mulheres participantes pudemos causar reflexões acerca dos espaços de museu, levantando questões de como somos lembradas a partir dos lugares que ocupamos dentro dos museus? Somos lembradas? Ocupamos de fato estes lugares?

E tendo em vista essas invisibilidades, a constituição de acervos históricos apresenta-se problemática nas ações de exposição e pesquisa. O processo das pesquisas de acervo já é bastante meticuloso, demandando tempo, como também pode ser burocrático, visto que a gestão de instituições museológicas dificultam algumas das vezes a abertura para que seus acervos possam ser pesquisados por pessoas de fora da instituição, uma via de mão dupla que poderia ser seguida, ajudando tanto o pesquisador quanto o museu sendo beneficiado pela pesquisa, possibilitando

a comunicação desses objetos e contribuindo no processo de musealização dos mesmos. Contudo, acervos masculinos, brancos, heteronormativos, europeus e católicos, ou seja, dos grupos social e economicamente dominantes sempre foram priorizados em pesquisas, armazenamento e exposição. Sendo assim, encontramos uma escassez de material para pesquisa e exposição histórica em relação às mulheres, considerando o acervo oposto.

Observamos que as mulheres vêm sendo bastante apresentadas enquanto artistas e motivos em artes nas exposições temporárias, contudo chamamos atenção para as ausências no âmbito das exposições permanentes e que devido ao tempo de inauguração das mesmas, obviamente carecem de reformulações e de um olhar mais contemporâneo acerca de seus objetos e narrativas, buscando ressignificá-los. É preciso, nos museus, um maior movimento em relação às mulheres e seus feminismos, além da preocupação com o público feminino que também precisa estar presente e se sentir representado no museu. Isso pode se dar através da escuta e diálogo do que esse público feminino tem para dizer.

O museu como instituição a serviço da sociedade é local de construção e fortalecimento de identidades. Por isso, o museu deve estar sempre em processo, tal como a sociedade e trazendo para seu âmbito aquilo que é pauta além dos muros da instituição. Demonstrando uma emancipação necessária em relação às narrativas do passado e sem reflexões críticas, e de decolonizar-se.

REFERÊNCIAS

ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1. 2016.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49. 2003.

GUARNIERI, Waldisa Russio Camargo. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3. 1990.

KILOMBA, Grada. A Máscara. In: **Debate e Pensamento**, 2017.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália. **Ciência da Informação**, v. 42, n. 3. 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** 2017.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Museologia e pesquisa: perspectivas na atualidade. In: **MAST Colloquia-Museu: Instituição de Pesquisa**. Museu de Astronomia e Ciências Afins. Rio de Janeiro. 2005.

_____. Museu, Museologia e a 'Relação Específica': considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. **Ciência da Informação**, v. 42, n. 3, 2013.

SILVA, Joana A. Flores. Não me olhe como vê: o não lugar das memórias, narrativas e trajetórias das mulheres negras nos museus de Salvador. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 53, n. 9. 2017.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. A difícil arte de expor mulheres artistas. **Cadernos pagu**. 2011.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto. 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alcoolismo 6, 87, 88, 89, 93, 94, 123

Anti-racismo 178

Atenção à saúde 7, 10, 124, 178, 179, 180, 181, 182, 197, 198, 200, 205

Autobiografia 64, 65

C

Cárcere 158, 160, 162, 163, 164, 166

Carolina de Jesus 144, 169, 170, 171, 172, 176

Ciberativismo 74, 77, 85

Corpo Humano 13, 14, 15, 16, 19, 25, 26

Currículo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 79

D

Diversidade 25, 98, 104, 108, 113, 115, 118, 143, 170, 173, 179, 184, 185, 190

Dramaturgia de F(r)icção 64

E

Educação 1, 3, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 37, 45, 50, 51, 58, 61, 90, 94, 112, 117, 118, 121, 134, 136, 138, 143, 144, 149, 165, 167, 172, 173, 177, 192, 200, 205, 206, 207

Elza Soares 169, 170, 174, 176

Ensino de Ciências 13, 14, 16, 19, 24, 25, 26

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 152, 153, 205, 206

Escola primária 13, 14, 16, 17, 18, 20, 22, 25, 26

Estado da Bahia 28, 30, 33, 35, 37, 38, 108, 112

Estratégias negras de resistência 169, 175

Exclusão social 116, 119, 121, 123, 126, 161

Extensão universitária 196, 199

F

Fatores psicossociais 87, 88, 89

Feminicídio 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 190

G

Gênero 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 67, 74, 85, 89, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 139, 146, 148, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161,

163, 164, 167, 170, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 204, 206

I

Inacyra Falcão 169, 170, 172, 176

L

Laqueadura 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105

Legislação 28, 30, 38, 49, 55, 57, 82, 129, 158, 163, 166

Lutas 41, 43, 50, 55, 68, 142, 149, 173, 184, 187, 194, 198

M

Memória 26, 50, 138, 139, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 157, 161

Mercado de trabalho 4, 18, 46, 48, 88, 127, 128, 129, 131, 135, 136, 137, 149, 180, 183, 188

Movimentos feministas 40, 41, 42, 43, 44, 46, 50, 55, 97, 154, 190

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 15, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 68, 72, 76, 77, 78, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 98, 100, 102, 103, 116, 129, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 148, 149, 153, 154, 155, 157, 166, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 61, 62, 65, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 114, 116, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 169, 170, 171, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206

Museologia 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Museu 13, 16, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

N

Normativas 79, 117, 158, 164, 165, 166, 167

P

Parteiras e doulas brasileiras 74

Participação 31, 48, 49, 55, 68, 79, 85, 100, 105, 121, 129, 133, 134, 136, 149, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 196, 198, 202, 203

Performance 64, 65, 66, 69, 70, 72, 88, 176

Política 5, 6, 7, 8, 10, 20, 21, 27, 29, 43, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 66, 74, 79, 88, 89, 109, 120, 122, 123, 124, 125, 136, 139, 143, 148, 149, 154, 155, 156, 160, 165, 166, 171, 172, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 201, 205

Políticas para as mulheres 11, 40
Políticas públicas 30, 33, 37, 38, 46, 48, 49, 51, 52, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 87, 89, 119, 121, 122, 124, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 199
População em situação de rua 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125
População “T” 158
Projeto ponto de cidadania 119, 120
Psicologia 87, 89, 93, 108, 109, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 200, 206

R

Redes sociais digitais 74
Relações de gênero 3, 4, 9, 11, 38, 48, 50, 52, 53, 54, 58, 60, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 137, 180, 204
Representação social 13, 23, 89, 92, 119, 122, 124, 144
Reprodução 42, 52, 54, 55, 56, 96, 97, 103, 104, 106, 107, 197

S

Saúde 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 23, 25, 27, 55, 75, 76, 79, 82, 85, 86, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 110, 112, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 134, 163, 165, 168, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206
Saúde da família 8, 112, 193, 196, 198, 200, 205, 206
Saúde da mulher 2, 3, 7, 184, 196, 197, 198, 200, 201, 205
Saúde integral 181, 196, 200
Segregação 45, 114, 122, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137
Sexualidade 4, 15, 20, 31, 36, 75, 97, 100, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 139, 146, 149, 155, 157, 196, 200, 201, 203, 207
Sindicalismo 148, 156

T

Trabalho 2, 4, 5, 6, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 31, 40, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 72, 75, 76, 78, 79, 83, 88, 92, 93, 96, 99, 103, 104, 107, 108, 111, 121, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 187, 188, 191, 193, 196, 198, 199, 202, 205, 206

V

Violência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 65, 75, 87, 90, 91, 93, 95, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 122, 155, 158, 159, 160, 161, 167, 175, 181, 183, 184, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206
Vulnerabilidade 4, 119, 121, 161, 164, 168, 193